

# Carta-convite

Claudio Castelo Filho

---

## Crueldade

Somos animais extremamente perigosos; entre todos os animais ferozes que habitam este planeta o ser humano tem sido bem-sucedido em matar todos os seus rivais – exceto o vírus. ... Na sessão analítica nos ocupamos com dois animais ferozes e perigosos, um dos quais – possivelmente ambos – tem ao mesmo tempo o desejo de ser amistoso e útil para o outro. ... Penso que é uma obrigação permanecer civilizado, porém permanecer civilizado não é o mesmo que ficar sem perceber o que é de fato o caráter humano. Estamos ocupados com impulsos poderosos que podem ser tudo, menos civilizados – assassinato, ódio, amor, rivalidade.

Portanto, temos de ser sensíveis e alertas à poderosa natureza emocional de dois objetos na mesma sala, ao mesmo tempo – tanto quanto a esse elemento que quer ser útil. ... Defrontamo-nos com um paradoxo; ambos lutamos para manter uma tal capacidade civilizada, o quanto for possível, ao mesmo tempo que nos esforçamos para tornar evidente a natureza primitiva e perigosa da situação.

Q: Se você for demasiado civilizado, pode ser destruído pelo paciente?

Bion: Sim...

WILFRED R. BION, *Bion em Nova York e em São Paulo*

“E eu, nobre esposa de Júpiter, que tudo fiz sem poupar-me,  
E lancei mão de recursos extremos, vencida ora ver-me  
Por esse Eneias? Pois bem; se meus numes de nada me valem,  
Vou amparar-me de forças de mais valimento que as minhas.  
*Já que no céu nada alcanço, recorro às potências do Inferno.*<sup>1</sup>  
Não me permitem do Lácio afastá-lo ou dobrar o Destino

1 “Flectere si nequeo superos, Acheronta mouebo”, epígrafe da obra *A interpretação dos sonhos*, de Freud.

Férreo, que a posse lhe enseja pela bela princesa Lavínia.  
 Mas pelo menos farei retardar suas grandes empresas,  
 E desgastar suas reservas guerreiras dos reinos em luta.  
 Que se unam os sogros e genro nas páreas à custa do povo.  
 Teu dote, ó virgem!, o sangue vai ser de troianos e rútuos:  
 Como madrinha das bodas terá simplesmente Belona.  
 Hécuba não foi a única a pôr uma tocha no mundo.  
 Sim; este filho de Vênus será outro Páris; mais uma  
 Vez há de as chamas das bodas a Troia incendiar rediviva”.  
 Falando assim, furiosa baixou para a terra fecunda,  
 A si chamando da sede das trevas eternas, morada  
 Das irmãs torvas, Alecto infernal que somente com mortes  
 Se delicia, traições, crimes negros e guerras infindas.

VIRGÍLIO, *Eneida*

O tema do número 1 do volume 56 da RBP será *Crueldade* e, sobre ele, convido os colegas psicanalistas a desenvolverem trabalhos levando em consideração o Leitmotiv da proposta editorial da atual gestão, que é a experiência clínica.

Para iniciar recorri à citação de Bion (1980), que nos alerta sobre algo que faz parte de nossa natureza, quase sempre renegada, ou considerada “desumana” ou expressão de desumanidade: a crueldade, a violência, e a guerra como manifestação máxima dessas características. Da mesma forma, desde a Antiguidade a crueldade faz parte das mais primordiais narrativas míticas e religiosas, com deuses, facilmente melindráveis e vingativos, que se deleitam em destruir suas criaturas, muitas vezes pelos motivos mais fúteis, como o que emergiu em Hera/Juno desde que foi preterida por Páris em seu famoso julgamento, como se pode ver no trecho da *Eneida* usado como epígrafe. Esse grandioso e magnífico poema descreve, em grande parte de sua extensão, minuciosos detalhes de massacres e carnificinas.

Assim falando, com a sestra segura o elmo forte de Mago,  
 E flexionando-lhe o colo, enterrou-lhe até aos copos a espada ...  
 ... o filho de Hémone estava ...  
 Contra ele investe o Troiano um bom trecho e alcançando-o, imolou-o  
 Sem mais delongas. A sombra da morte o cobriu...  
 ... Tárquito, filho de Dríope ...  
 ... Porém logo logo o Troiano com forte dardo atravessa-lhe o escudo e a bem-feita  
 loriga.  
 Em vão suplica-lhe o pobre, querendo dizer-lhe mil coisas:

De um golpe Eneias lhe corta a cabeça, e com os pés revolvendo-lhe  
O corpo quente, com ódio lhe diz as seguintes palavras.  
(Virgílio, 2016, pp. 691-693)

Todas as grandes obras religiosas e expressões artísticas se ocupam da violência e da crueldade. A obra de Shakespeare descreve de forma magistral essa questão central da nossa existência.

Tenho também em mente dois pequenos livros de Guillaume Apollinaire: *Les exploits d'un jeune Don Juan* e *Les onze mille verges*, originalmente publicados de forma apócrifa, mas que há tempos fazem parte do cânone da literatura francesa e são editados pela Gallimard. Ambos descrevem situações de grande crueldade e violência perpetradas pelos protagonistas. Essas obras têm a mesma origem das outras produções poéticas e literárias de Apollinaire. A fonte é a mesma, e tudo evidencia que sem a primeira não haveria a segunda. Podemos lembrar, igualmente, as obras do Marquês de Sade.

A crueldade não é característica exclusiva da humanidade. Ela é da natureza. Qualquer um que tenha um gato ou um cachorro pode observar o que parece ser a grande satisfação do animal em torturar sua presa antes de devorá-la. Existem guerras territoriais entre todos os animais, como se pode ver em exércitos de formigas, vespas e abelhas, e nos nossos primos, os chimpanzés.

Parte dessa virulência parece ser passível de sublimação e domesticação civilizatória por meio das narrativas mítico-religiosas, da expressão artística (seja ela plástica, escrita ou musical) ou ainda do desenvolvimento das ciências, como propõe Freud, que usa a frase destacada da *Eneida* a fim de ressaltar o encontro e o reconhecimento das forças primordiais para que o impensável passe a sê-lo. Todavia, esses mesmos processos civilizatórios e “civilizados” podem ser revertidos e usados para racionalizar toda forma de barbárie.

Como os grandes pensadores da psicanálise têm encarado a crueldade? Como lidamos com ela na nossa prática clínica? Como enfrentamos situações em que os pacientes externalizam extrema crueldade, tanto em relação a nós, como psicanalistas, quanto em relação a terceiros? Como nos posicionamos diante da nossa crueldade e violência, das quais não podemos nos livrar? Qual a importância da análise pessoal para o reconhecimento e a assimilação desse aspecto emblemático da nossa natureza? Até que ponto é possível lidar com essa questão refletindo sobre ela, e quando se chega ao limite dessa capacidade?

Lembro aqui a narrativa de uma experiente colega, analista de crianças, que foi atingida na cabeça por um tijolo atirado por um pequeno paciente. Ou de pacientes que criam situações tais para os analistas que podem resultar na irrupção da polícia na sala ou em grande desastre para a reputação do analista, e vice-versa.

Finalizo mencionando a fábula de Esopo em que o escorpião convence a rã a levá-lo nas costas para o outro lado do rio, prometendo-lhe que refrearia sua tendência de ferroá-la, uma vez que, se não o fizesse, ambos pereceriam. No entanto, no meio do trajeto ele não se contém e a pica, inoculando-a com veneno. A rã ainda questiona o porquê dessa ação, ao que o escorpião replica que não pôde evitar, por ser aquela sua natureza. E ambos morrem.

Os trabalhos deverão ser encaminhados para o email da revista – [rbp@rbp.org.br](mailto:rbp@rbp.org.br) – até a data-limite de 10/2/2022. As orientações para a submissão de artigos encontram-se em nossa página eletrônica: [www.rbp.org.br](http://www.rbp.org.br).

#### Referências

- Apollinaire, G. (1978). *Les exploits d'un jeune Don Juan*. J'ai Lu.  
Apollinaire, G. (2006). *Les onze mille verges*. Librio.  
Bion, W. R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. Karnac.  
Virgílio. (2016). *Eneida* (C. A. Nunes, Trad., 2ª ed.). Editora 34.



Editor

[claudiocasteloeditor@rbp.org.br](mailto:claudiocasteloeditor@rbp.org.br)